

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 32 • 2023



Editor científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2023

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular, sem prejuízo daqueles que possam valorizar o conhecimento das antiguidades oeirenses, para além de contributos sobre a História da Arqueologia e de comunicações apresentadas a reuniões científicas organizadas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor Nuno Bicho (Universidade do Algarve)
- Professor Doutor Alfredo Mederos Martín (Universidade Autónoma de Madrid)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professora Doutora Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)
- Professor Doutor Jorge de Oliveira (Universidade de Évora)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 32 • 2023 ISSN: 0872-6086

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.7919687>

EDITOR CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA – Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2730-085 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.
É expressamente proibida a reprodução de quaisquer imagens sobre as quais existam direitos de autor sem o prévio consentimento dos signatários dos artigos respectivos.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO – César Antunes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Grificamares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

OS ÍDOLOS-FALANGE CALCOLÍTICOS DA LAPA DA BUGALHEIRA (TORRES NOVAS)

THE CHALCOLITHIC PHALANX-IDOLS OF LAPA DA BUGALHEIRA (TORRES NOVAS)

João Luís Cardoso¹

Abstract

A set of eleven chalcolithic polished first phalanges, ten of which are horse and one domestic ox, transformed into anthropomorphic ideotechnic artifacts is studied.

The set was collected in 1941 in a circumscribed space of the neolithic necropolis of the Lapa da Bugalheira cave (Torres Novas). It could originally constitute an altar, organized on one side of the cave and in front of its entrance, or a votive set, related to the ritual or cultural use of the cave.

In the same year were collected two phalanges decorated with symbols common to other Chalcolithic ideotechnic artifacts of the Portuguese Extremadura, the Southwest and Southeast of the Iberian Peninsula. They are usually correlated to the Mother Goddess of the agrarian societies of the Mediterranean basin.

An inventory of both polished and polished and decorated horse phalanges documented in Portuguese territory up to the present, originating both from funerary spaces and of a domestic nature is also presented.

Keywords: polished phalanges; ideotechnic; Chalcolithic; Extremadura; Bugalheira

1 - LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

A Lapa da Bugalheira corresponde a cavidade cársica aberta em calcários do Dogger, situada nos contrafortes da serra de Aire, denominado Arrife, situado no limite meridional do Maciço Calcário Estremenho, sobranceiro à povoação de Almonda. A encosta onde a entrada da gruta se abre é muito íngreme, e apresenta-se baixa, com cerca de 1 m de altura e menos de 2 m de largura, possuindo as seguintes coordenadas:

Latitude: 39°29'57"N

Longitude: 8°37'10"W

Altitude: 166m

¹ Professor Catedrático da Universidade Aberta (Lisboa). Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). Investigador Integrado do ICAREHB (Universidade do Algarve) cardoso18@netvisao.pt

2 - HISTÓRIA DAS INVESTIGAÇÕES

A primeira investigação arqueológica da Lapa da Bugalheira, que actualmente apresenta um desenvolvimento maior do que o inicialmente conhecido, pois fora então atribuída apenas a pequeno abrigo sob rocha, efectuou-se em finais de janeiro de 1941. Tal é a data que se encontra indicada no primeiro estudo dedicado aos trabalhos arqueológicos então ali realizados (PAÇO, VAULTIER & ZBYSZESWSKI, 1942, p. 117) (Fig. 1), ou em fevereiro do mesmo ano, conforme se indica na publicação mais recente em que participaram dois daqueles autores (PAÇO, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1971, p. 24) (Fig. 2).

O interesse arqueológico da gruta resultou de informação dada localmente à mesma equipa, que na altura escavava a gruta da nascente do Almonda, situada a cerca de 1 km de distância, constituída por Afonso do Paço, Maxime Vaultier, Georges Zbyszewski e Melo Nogueira. Tal informação motivou uma investigação preliminar junto da entrada da cavidade, em novembro de 1940, que confirmou o seu interesse arqueológico.

A exploração realizada nos inícios de 1941 com o apoio de operários da fábrica de papel “A Renova”, graças ao interesse manifestado pelos seus proprietários, conduziu à desobstrução da pequena entrada e à exploração parcial da primeira e única sala então conhecida da cavidade (Figs. 3 e 4). De tais trabalhos resultou a recolha

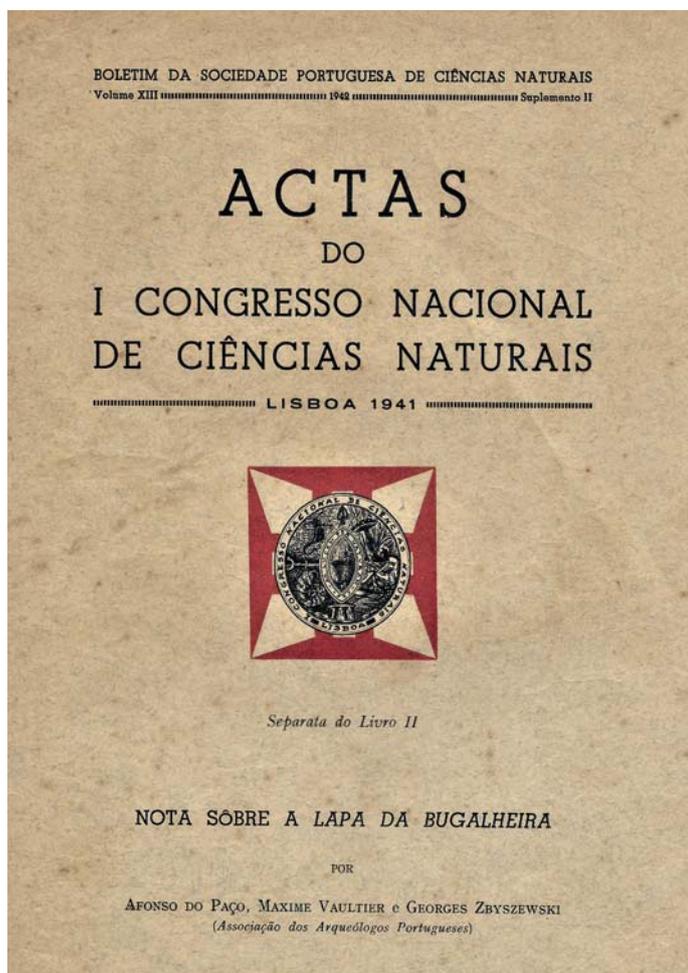


Fig. 1 – Capa da separata da primeira publicação dedicada à Lapa da Bugalheira (col. JLC).

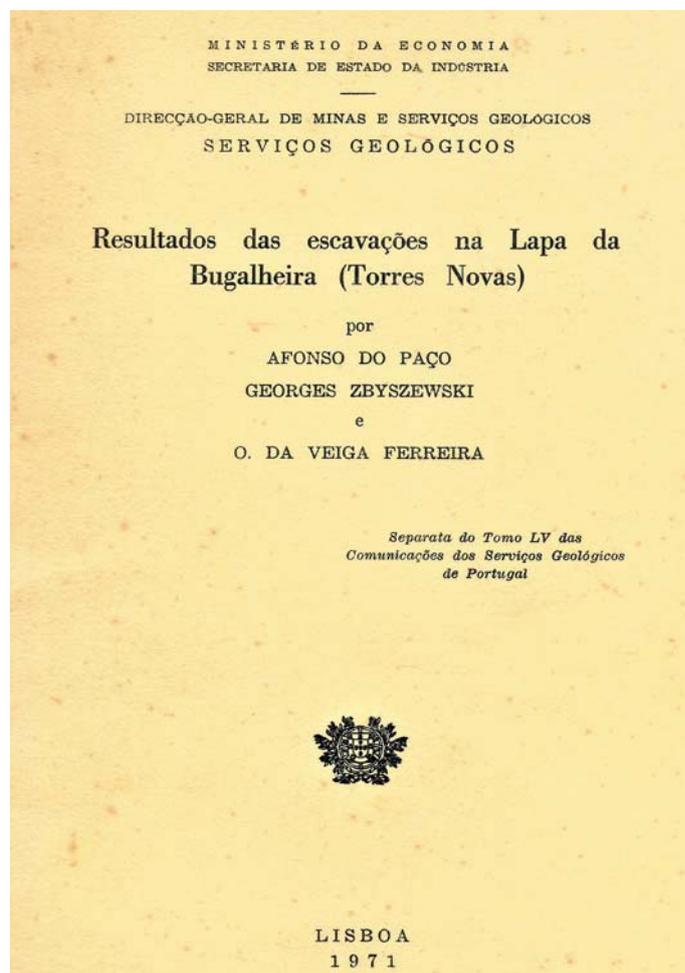


Fig. 2 – Capa da separata da publicação dos resultados obtidos na campanha de escavações de 1941 da Lapa da Bugalheira (col. JLC).



Fig. 3 – Vista da entrada da Lapa da Bugalheira na época em que se realizaram as escavações de 1941. Da esquerda para a direita: Afonso do Paço; Georges Zbyszewski (com o livro de campo nas mãos); pessoa não identificada; Padre Eugénio Jalhay. Arquivo de Georges Zbyszewski.



Fig. 4 – Vista da entrada da Lapa da Bugalheira na época em que se realizaram as escavações de 1941. Afonso do Paço e Maxime Vaultier são, respectivamente, o segundo e o terceiro a contar da esquerda. Arquivo de Georges Zbyszewski.

de apreciável conjunto de artefactos pré-históricos, que já evidenciava a diacronia da ocupação funerária da cavidade, misturados com espólios de cronologia histórica, brevemente publicados na primeira notícia dos trabalhos efectuados (PAÇO, VAULTIER & ZBYSZEWSKI, 1942).

Retirada a camada com materiais modernos remexidos, em trincheira realizada desde a entrada ao fundo da gruta, atingiu-se, a cerca de 2 m de profundidade, uma camada com abundantes osso humanos: “Escavando pouco a pouco esta camada ossífera, constatámos a existência de bastantes esqueletos, alguns dos quais se achavam enterrados nas anfractuosidades da rocha e outros na parte central da gruta e cobertos por pequenas lajes de calcário, numa posição que nos pareceu a de dobrados sobre si mesmos” (op. cit, p. 117). De entre os espólios arqueológicos recolhidos, a maior atenção foi dada a duas falanges de cavalo decoradas, as quais foram desde logo publicadas (Fig. 5) e comparadas com os exemplares então conhecidos de outras necrópoles, tanto do território português, como do sudeste peninsular. Foi certamente graças à importância destes achados, ainda que à data estes se não encontrassem publicados, que se terá devido a classificação da gruta, em 1946, como Imóvel de Interesse Público, pelo Decreto n.º 35817 (DG, I Série, n.º 187, de 20 de Agosto).

3 - MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS

Os espólios recuperados em 1941 mantiveram-se inéditos nas três décadas seguintes, apesar de, em 1956, ter sido apresentada uma comunicação sobre os mesmos, da qual foi apenas publicada o resumo (PAÇO, VAULTIER & ZBYSZEWSKI, 1956). Com efeito, foi apenas após o falecimento de Afonso do Paço, que, tendo sido encontrado entre os seus papéis o estudo inédito respeitante à gruta, que se decidiu proceder à sua publicação, a que se juntou, como autor, O. da Veiga Ferreira (PAÇO, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1971). Para além de se ter publicado a planta e o alçado da sala principal, a única então conhecida, bem como a distribuição em planta dos espólios recolhidos (Fig. 6) apresentaram-se diversas observações de interesse, no respeitante ao número de inumados, que foi estimado em cerca de dez indivíduos, de diversas idades.

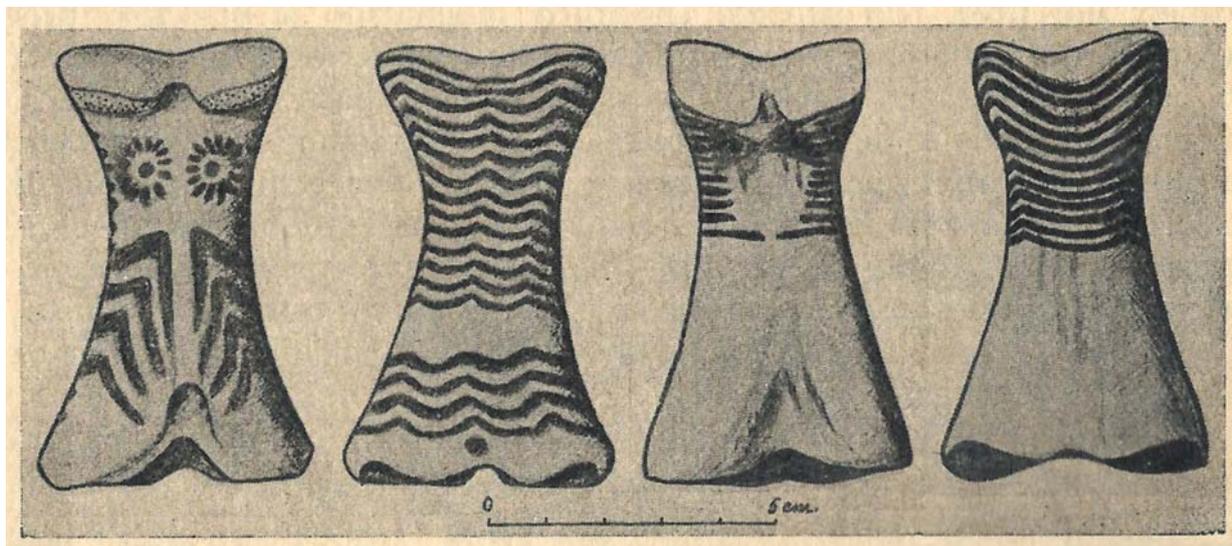


Fig. 5 – As duas primeiras falanges de cavalo decoradas da Lapa da Bugalheira, conforme foram publicadas em 1942 (in PAÇO, VAULTIER & ZBYSZEWSKI, 1942, Fig. 2).

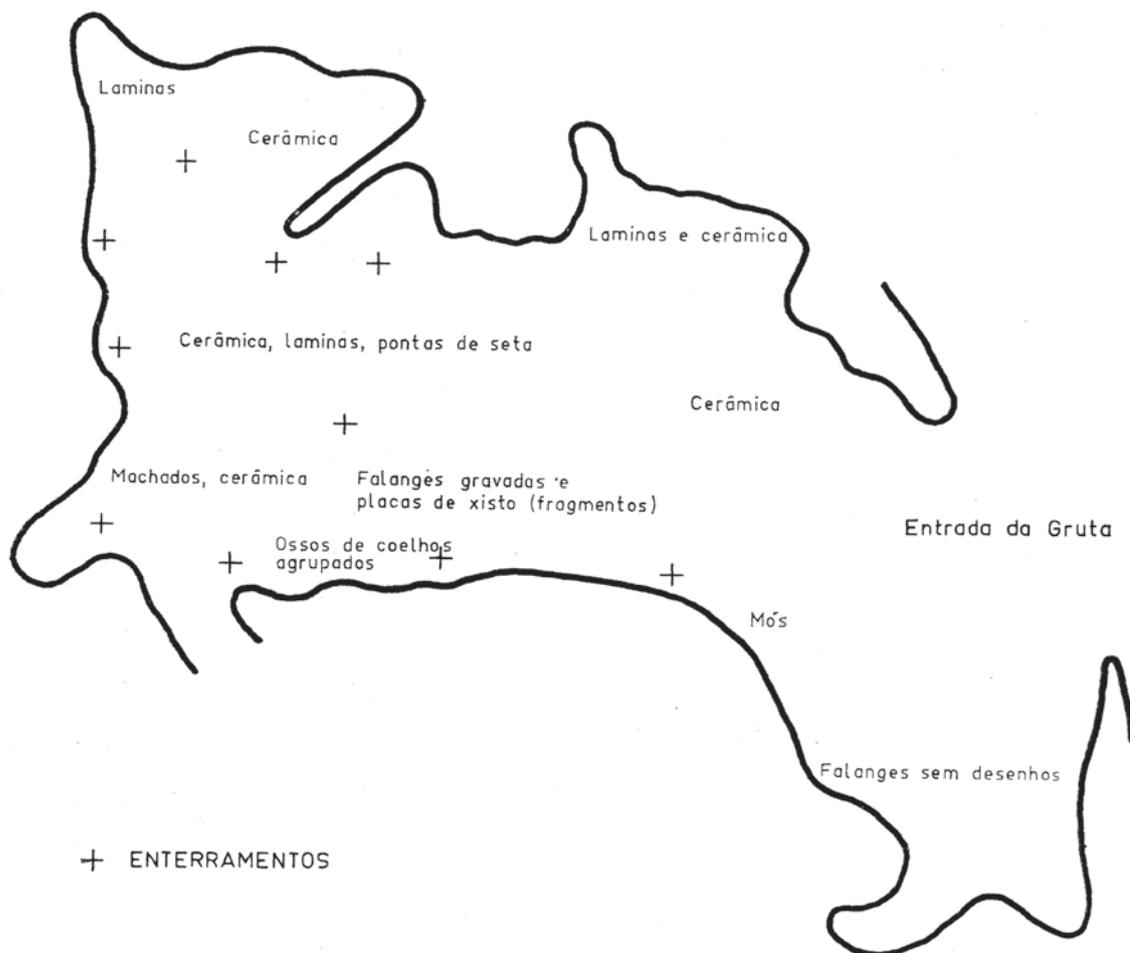


Fig. 6 - Distribuição em planta dos espólios recolhidos nas escavações da Lapa da Bugalheira de 1941 (in PAÇO, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1971, Fig. 2).

No entanto, uma breve inspeção dos restos humanos presentemente conservados no Museu Geológico indica um número significativamente superior de indivíduos tumulados, cuja quantificação é dificultada pelo assinalável estado de fragmentação dos ossos, como aliás já tinha sido observado pelos escavadores: só extremidades proximais de rádios direitos se contabilizaram 13 exemplares (observação de 15 de março de 2023). Os indivíduos teriam sido essencialmente colocados em posição fetal encostados à parede da gruta (op. cit., p. 40).

Também no tocante a alguns dos espólios as informações apresentadas são interessantes: “Dois esconderijos situados na parede direita da gruta continham lâminas de sílex. Outro esconderijo, na base da parede esquerda, deu um conjunto curioso de ossos de coelhos reunidos por categorias: cabeças de um lado, fêmures do outro, úmeros de um terceiro, etc.” (op. cit., p. 25).

Tendo em consideração a tipologia dos espólios, sendo que os considerados mais importantes foram reproduzidos fotograficamente em 1971, verifica-se que a necrópole instalada na sala de entrada da Lapa da Bugalheira, a única explorada em 1941, deve ser globalmente atribuída ao Neolítico Final. É o que indica a presença de geométricos, pontas de seta de base convexa, triangular ou bicôncava, a que se juntam algumas de base côncava e dois fragmentos de punhais de cuidado talhe bifacial. As produções cerâmicas estão repre-

sentadas por recipientes carenados lisos, entre os quais uma vaso inteiro com a representação de dois mamilos simbólicos no bojo. Avultam ainda os abundantes fragmentos de placas de xisto decoradas que, conjuntamente com um fragmento de bracelete de *Glycymeris* sp. e de duas extremidades de alfinetes de cabeça amovível canelada, reforçam a atribuição da necrópole ao Neolítico Final, que deste modo se encontra representado por conjunto muito característico e diversificado de materiais. Assim sendo, a presença calcolítica encontra-se apenas confirmada pelos exemplares ideotécnicos agora estudados.

É ainda de assinalar, entre os espólios exumados em 1941, um conjunto de fragmentos decorados típicos do Neolítico Antigo evolucionado, que veio a ser completado pelo espólio recolhido nas escavações realizadas em 2019 na zona mais interior desta sala da gruta (RODRIGUES et al., 2020). Tal situação leva a concluir que os materiais do Neolítico Antigo evolucionado recolhidos em 1941 provêm do sector adjacente ao intervenção em 2019, o qual comunica, através de estreita passagem, com uma sala mais interior, identificada em 1986, a chamada “Sala do Ricardo”. Nesta, recolheram-se, em data anterior a 2010, e à superfície, espólios pré-históricos diversos (cerâmicas, materiais de pedra polida e de pedra lascada, adornos), para além de restos humanos, alguns deles datados, que indicam uma presença do Neolítico Médio, destacando-se um magnífico recipiente fechado, com mamilos tuneliformes perfurados verticalmente, do tipo Montbollo (NUNES, 2010/2011).

4 – FALANGES DECORADAS, POLIDAS E EM BRUTO

Os espólios seguramente calcolíticos afiguram-se ausentes na globalidade do conjunto recolhido, realidade também extensível à “Sala do Ricardo”, cujos espólios atestam a presença naquele sector da cavidade de ocupações funerárias apenas no Neolítico Médio e do Neolítico Final. Assim, no decurso do Calcolítico a gruta não constituía um espaço sepulcral, embora do seu antigo uso pudesse ter sido conservada a memória, ritualizada pelo conjunto de falanges nela depositada, de evidente carácter ideotécnico, e agora estudadas de forma completa e integrada. Trata-se de nove primeiras falanges afeiçãoadas por polimento, oito de cavalo e uma de boi doméstico, a que se juntam as duas decoradas, dadas a conhecer logo em 1942 (Fig. 7).

A localização no terreno de umas e outras foi assinalada na planta da gruta publicada em 1971. Assim, as falanges decoradas provêm da parte central da sala, onde se encontram descritas como “Falanges gravadas e placas de xisto (fragmentos)”, sendo as únicas que, até o presente, foram devidamente valorizadas. Já os nove exemplares lisos e afeiçãoados, alguns deles referidos na bibliografia e até reproduzidos (PAÇO, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1971; CARDOSO, 1995), jaziam junto à parede da gruta, e defronte da entrada, encontrando-se assinalados na planta com a designação de “Falanges sem desenhos” (PAÇO, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1971, p. 36), um deles conservando apenas a metade distal (Fig. 8, 9 e 10).

A atribuição de oito dos nove exemplares não decorados a cavalo (*Equus caballus*) é suportada pelo tamanho, superior ao das falanges homólogas de burro doméstico (*Equus asinus*), cuja presença no Calcolítico do ocidente peninsular foi já demonstrada no povoado pré-histórico de Leceia, Oeiras (CARDOSO et al., 2013). Estudo biométrico comparativo já publicado sustenta a referida atribuição (CARDOSO, 1995).

Apenas um exemplar, já referido na bibliografia (CARDOSO, 1995, p. 224), corresponde a uma primeira falange de boi doméstico (*Bos taurus*), de pequenas dimensões, igualmente evidenciando polimento generalizado a toda a superfície (Fig. 10, n.º 1), tal como as restantes, embora um menor antropomorfismo, em consequência da própria morfologia do osso original.



Fig. 7 – As duas falanges decoradas da Lapa da Bugalheira (fotos de JLC).

* * *

As alterações antrópicas observadas em todas as primeiras falanges de Lapa da Bugalheira são de dois tipos: por polimento e por gravação. Quanto ao polimento, todos os onze exemplares observados se apresentam intensamente polidos, conferindo à superfície dos mesmos toque suave a brilho mais ou menos intenso, por vezes acetinado. Observa-se mesmo um sobrepolimento em alguns dos exemplares, a ponto de este ter atravessado a tábua óssea dos respectivos segmentos, atingindo o núcleo esponjoso, pondo à vista, em secção, os canais de Havers. Conseguiu-se assim sublinhar o antropomorfismo dos exemplares, com o estreitamento acentuado da sua parte média, e a modelação dos dois côndilos articulares distais, correspondendo à “cabeça”, comparável à morfologia observada nos exemplares de calcário da mesma época, cuja “cabeça” é marcada por ressalto, possuindo topo aplanado, como é o caso dos ídolos de calcário marmóreo de Pêra, Silves, já publicados (CARDOSO, 2002 (Fig. 11)).



Fig. 8 - Três das oito falanges lisas, de cavalo, afeiçãoadas por polimento, da Lapa da Bugalheira (fotos de JLC).



Fig. 9 - Três das oito falanges lisas, de cavalo, afeiçãoadas por polimento, da Lapa da Bugalheira (fotos de JLC).



Fig. 10 – Duas das oito falanges lisas, afeiçoadas por polimento, de cavalo (n.ºs 2 e 3), e a única falange de boi doméstico (n.º 1), da Lapa da Bugalheira (fotos de JLC).



Fig. 11 - Dois dos ídolos de calcário de Pêra, Silves, com aspecto antropomórfico comparável às falanges da Lapa da Bugalheira (in CARDOSO, 2002).

O antropomorfismo natural das primeiras falanges de cavalo, foi a característica determinante na sua própria escolha, mais evidente do que em quaisquer exemplares homólogos de distintos grupos zoológicos, como caprinos, bovinos, suínos ou ainda de outros grupos, também utilizados, como o veado. Daí poder-se explicar por este motivo o pouco interesse dispensado às primeiras falanges destas espécies, situação bem evidenciada no presente conjunto.

Nos dois exemplares polidos e decorados, verifica-se que as decorações foram obtidas na superfície de ambos os exemplares, com o recurso a uma ponta, aparentemente por incisão e fricção, eventualmente com a ajuda de abrasivo, como areia fina, produzindo sulcos pouco profundos de secção transversal curvilínea. Esta técnica observa-se em todos os restantes exemplares decorados do território português. Num dos exemplares decorados da Lapa da Bugalheira, tais sulcos encontram-se cobertos de matéria vermelha (Fig. 12) numa das faces do exemplar, a mais importante, provavelmente hidróxido de ferro, levando à impressão de se tratar de pinturas, por preenchimento dos sulcos pré-existentes. No entanto, em outros sectores lisos da mesma face deste exemplar, observa-se a manutenção da referida cobertura, pelo que é admissível que não se trate

de aplicação intencional, mas simplesmente de uma precipitação natural sobre a superfície do osso, produzida quando o exemplar jazesse tombado e com apenas uma das faces expostas, à referida acção química. No entanto, importa sublinhar que este exemplar, sendo o mais decorado, é o único onde se observa tal evidência. Tal situação tem paralelo no notável conjunto recolhido nos Perdigões, onde o único exemplar com vestígios de pintura vermelha corresponde também ao que se apresenta mais decorado (VALERA, 2015, Fig. 9).

Face ao exposto, talvez não seja por acaso que, nos nove exemplares polidos agora estudados, não se tenham observado quaisquer indícios de pintura.

A prática da pintura com pigmentos vermelhos – que, a ter-se de facto verificado no exemplar decorado da Lapa da Bugalheira, teria coberto a totalidade de uma das suas faces e, por consequência, também as decorações nele patentes – tem paralelos em machados de pedra polida, ritualmente pintados por corantes vermelhos. É o caso, entre outros, do exemplar recolhido em pequena cavidade existente perto do povoado das Baútas, Amadora, observado pelo signatário em 1972 no Centro Cultural Roque Gameiro, na Amadora.

A terminar este capítulo, importa sublinhar que, tendo presente a morfologia natural das primeiras falanges de boi doméstico, porco, cavalo e veado, são os exemplares de cavalo os que exibem formas mais acentuadamente antropomórficas, razão pela qual foram preferencialmente os escolhidos, apesar da evidente escassez da espécie no meio natural, muito mais acentuada do que as restantes, a qual, à época, cerca de meados do 3.º milénio a.C., poderia ainda não ter sido domesticada no ocidente peninsular.



Fig. 12 – Pormenor da decoração de um dos exemplares da Lapa da Bugalheira, observando-se a existência de um depósito de pigmentos vermelhos natural ou intencional, sobre a superfície decorada (foto de JLC).

5 – DATAÇÃO ABSOLUTA

Foi obtida uma amostra para datação absoluta, pelo método do radiocarbono por AMS a partir do exemplar incompleto (Fig. 8, n.º 2). O resultado obtido, comunicado ao signatário a 3 de junho de 2021, foi o seguinte:

Beta-592531 – 5210+/-30 bp.

Fazendo uso da curva de calibração INTCAL20 (REIMER et al., 2020) e do Programa OxCal 4.1.3 (BRONK RAMSEY, 2009), obtiveram-se os seguintes intervalos (Fig. 13):

Para uma probabilidade de 2 sigma (95,4 %):

(89,4 %) – 4055-3958 Cal BC

(5,6%) – 4160-4137 Cal BC

(0,4%) – 4213-4209 Cal BC

Estes resultados são surpreendentes, dado que a sua cronologia deveria ser compatível com a segunda metade do 3.º milénio a.C. A datação obtida, ao apontar para uma data situada na transição do 4.º para o 3.º milénio a.C. fazia atribuir a produção deste exemplar ao Neolítico Final da Estremadura, sendo portanto compatível com a cronologia da necrópole ali então instalada. No entanto, nenhum dos exemplares conhecidos com contextos estratigráficos bem definidos, lisos ou decorados, ascendem a tal cronologia, sendo exclusivamente calcolíticos. Em abono desta conclusão, importa referir que todos os exemplares decorados ostentam iconografia claramente calcolítica, situada já na segunda metade do 3.º milénio a.C., existindo evidências de tanto as produções lisas como decoradas serem coevas.

Deste modo, o resultado obtido deve ser considerado como um “outlier”, sem justificação conhecida, pois a alternativa era a de considerar a falange em que a peça foi executada várias centenas de anos mais antiga da época em que foi aproveitada, hipótese que não é aceitável.

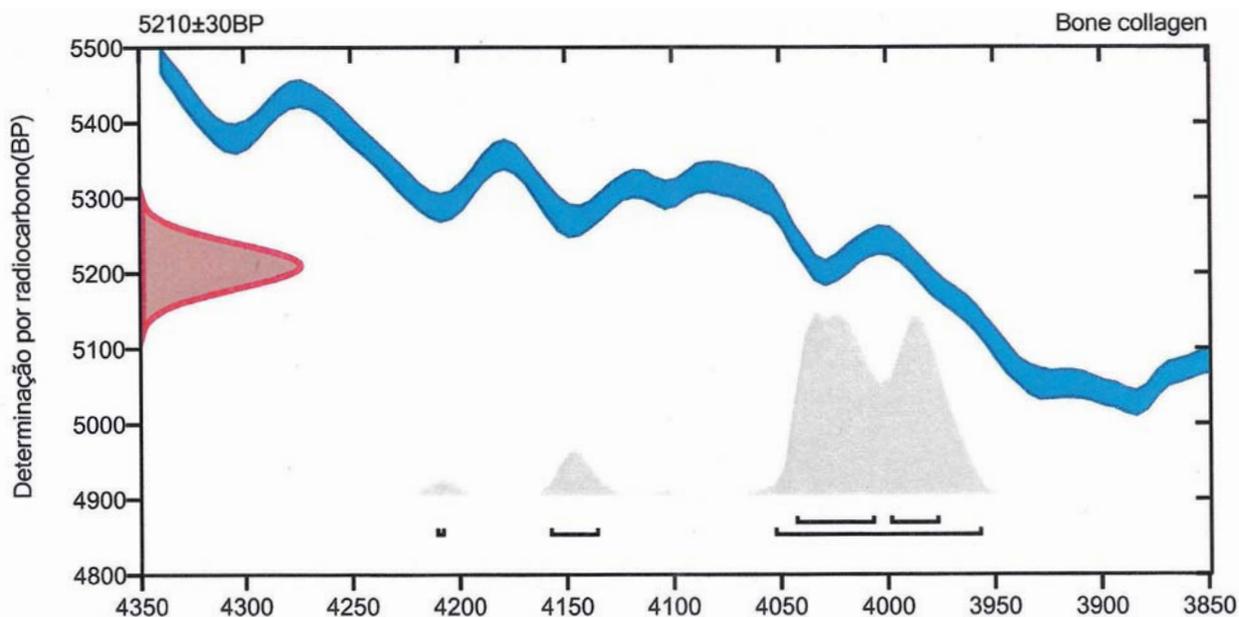


Fig. 13 – Curva de calibração da datação realizada por AMS sobre o exemplar incompleto da Lapa da Bugalheira representado na Fig. 8, n.º 1.

6 – DISCUSSÃO

O aproveitamento de primeiras falanges de cavalo para a confecção de objectos cultuais encontra-se justificado pela forma acentuadamente antropomórfica, naturalmente exibida por este segmento anatómico, sendo bem conhecida a sua presença em contextos essencialmente funerários calcolíticos, tanto da Estremadura portuguesa, como do calcolítico do Sudoeste.

Uma primeira tentativa de estabelecer uma tipologia para este tipo de produções ideotécnicas deve-se a M.^a J. Almagro Gorbea (ALMAGRO GORBEA, 1973). A autora descreve todos os exemplares peninsulares então conhecidos, atribuindo-os erradamente a metacarpos, embora os designe por ídolos-falange, o que é uma evidente contradição, só explicável pela sua ignorância em matéria de anatomia zoológica, que é ainda evidenciada pela dúvida que manifesta acerca da possibilidade de alguns exemplares poderem ser executados em falanges de cavalo. Seja como for as três variantes por ela propostas: a variante A, correspondente a exemplares lisos; a variante B, com escassos motivos decorativos, “casi siempre meramente inciso y muy simple y esquemático” (op. cit., p. 153); e a variante C, correspondente aos exemplares correspondentes aos exemplares com “una rica decoración, seguramente grabada y luego pintada en color rojo ocre (...)” (idem, ibidem).

Esta tipologia foi em parte aproveitada por A. Valera, ao subdividir os exemplares peninsulares, cujo número entretanto aumentou muito significativamente, em três grupos; simples; afeiçãoados; e decorados (VALERA, 2015). Esta proposta afigura-se mais realista e adequada à realidade que pretende descrever do que a anterior, embora não seja evidente a separação entre o primeiro e o segundo dos grupos considerados, no caso em que o polimento se circunscreva apenas à eliminação das protuberâncias ósseas mais evidentes, sem um polimento por modelação dos exemplares, ou seja, sem um efectivo afeiçãoamento destes. Seja como for, todos os exemplares identificados na Lapa da Bugalheira exibem polimento generalizado, mais ou menos acentuado, incluindo os dois decorados.

A presença de pintura não foi considerada elemento discriminante, dado que por vezes torna-se difícil a atribuição intencional da mesma, conforme se verificou no caso de um dos exemplares em apreço.

Entre as ocorrências até agora publicadas do território português, avulta o conjunto recolhido no recinto de fossos dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz). Ali foram recolhidas 72 primeiras falanges. Do total, com base na quantificação publicada, 11 apresentam-se decoradas, das quais 9 de cavalo; 52 são afeiçãoadas por polimento; e 8 não evidenciam qualquer tratamento da superfície (VALERA, 2015, Tabela 3; VALERA, 2021), das quais apenas um exemplar provém de uma área não-funerária.

Dos 72 exemplares recolhidos, 34 pertencem a primeiras falanges de cavalo, das quais 9 são decoradas. Das restantes falanges, 34 são de veado, 1 de *Sus* sp., 1 de *Bos* sp. e duas de caprino indiferenciado, totalizando 38 exemplares.

6.1 – Exemplares decorados e não decorados executados em falanges de outras espécies além do cavalo

Para além dos exemplares dos Perdigões, foram assinaladas primeiras falanges lisas de outras espécies que não o cavalo em diversos contextos domésticos e funerários, os quais, no entanto após revisão efectuada no âmbito de este estudo, nem sempre se confirmaram.

De contextos domésticos provém diversas falanges lisas afeiçãoadas por polimento:

- do povoado calcolítico muralhado de São Pedro, Redondo, encontram-se referidas três falanges polidas, uma de veado, outra de suídeo e outra de cavalo (VALERA, 2015, Tabela 3); mas no estudo dedicado aos artefactos ideotécnicos deste sítio arqueológico, são apenas referidas duas primeiras falanges afei-

- coadas, uma de veado e outra de bovídeo (auroque ou boi doméstico) (COSTEIRA & MATALOTO, 2016, p. 68, 76, Fig. 8), classificação que é confirmada pelo signatário. Uma primeira falange de cavalo com a mesma proveniência, já estudada (DAVIS & MATALOTO, 2012), corresponde provavelmente a um resto alimentar, dado encontrar-se fracturada longitudinalmente;
- do povoado n.º 1 da herdade da Sala, Vidigueira, identificou-se uma primeira falange de caprino totalmente polida (GONÇALVES, 1987, Fig. 6).
 - do povoado fortificado de Santa Justa, Alcoutim, conhecem-se diversas falanges afeioadas por polimento de veado e de caprino, tendo estas últimas sido erradamente atribuídas a suíno (GONÇALVES, 1989, Est. 105). Também existem reservas quanto à atribuição a falange de diversos fragmentos decorados com os olhos solares, tatuagens e cabeleira, porque ocorrem sobre tábuas de osso polidas, conforme indicam as respectivas secções e fotos, que não parecem corresponder a falanges (GONÇALVES, 1989, Est. 106, 232, 233). Uma, de veado apresenta, num dos côndilos da articulação distal o que parece ser uma representação solar, e assim foi considerada na referida publicação.

Entre os contextos funerários, conta-se a Gruta II de S. Pedro do Estoril, com duas falanges não afeioadas, descritas simplesmente como “pequena falange” e “falange” sem atribuição específica (LEISNER, PAÇO & RIBEIRO, 1964, p. 36, Est. E, n.º 37 e 38). Uma delas corresponde certamente à que mais tarde foi classificada como de veado (FERREIRA, 1966, p. 67). No entanto, tendo presente os dois desenhos publicados, verifica-se que ambas deverão corresponder a *Homo*. A Lapa do Fumo, Sesimbra, é outra gruta funerária onde se recolheu uma falange de caprino, polida, observada pelo signatário no Museu Arqueológico de Sesimbra (CARDOSO, 1995, p. 224). Da Lapa do Fumo conhece-se ainda referência a uma primeira falange de cavalo polida (VALERA, 2015, Tabela 3), cuja existência não foi possível confirmar.

No que respeita a falanges decoradas pertencentes a outras espécies que não o cavalo, para além do conjunto recolhido nos Perdigões, acima referido, onde se observaram 3 exemplares decorados sobre primeiras falanges de veado (VALERA, 2015, Tabela 2), conhece-se apenas uma primeira falange e uma segunda falange de boi doméstico (*Bos taurus*) juvenil, conforme indica, em ambos os exemplares, a falta da epífise proximal, que ainda se não encontrava soldada à diáfise. Apresentam-se decoradas por gravação numa das faces com as características representações oculadas. Desconhece-se a sua origem, não existindo nenhum argumento válido para admitir que sejam de Leceia, conforme se admite, ainda que com reservas, no respectivo trabalho (ZBYSZEWSKI et al., 1974).

6.2 – Exemplares decorados e não decorados executados em primeiras falanges de cavalo

No Sudeste peninsular, a presença de primeiras falanges de cavalo lisas ou decoradas foi insistentemente assinalada, graças aos trabalhos pioneiros de Henri e Louis Siret, dos quais resultou, segundo E. C. Serrão e E. P. Vicente, a recolha de “cerca de 250 ídolos-falanges, mais ou menos ornamentados, 200 dos quais em 50 sepulcros” (SERRÃO & VICENTE, 1958, p. 114), embora tal afirmação não se encontre apoiada pelos autores na bibliografia. Em 1887, os irmãos Siret publicaram um exemplar liso sobre primeira falange provavelmente de veado fortemente polida e escurecida pelo fogo proveniente de Campos (SIRET & SIRET, 1887, Pl. 10, n.º 57). Mais tarde, Luis Siret deu a conhecer exemplar de Los Millares (SIRET, 1893, Fig. 265) e, pouco depois, outro de Almizaraque (SIRET, 1907, Pl. 6, n.º 7). Mais tarde, elaboraram-se os primeiros inventários à escala peninsular deste tipo de exemplares (ALMAGRO GORBEA, 1973), seguidos de outros, que ulteriormente se publicaram, à escala europeia (MAIER, 1961).

Em 1900/1901 foi explorado, por Joaquim Jardim, da Sociedade Arqueológica Santos Rocha, da Figueira da Foz, um oitavo *tholos* da necrópole de Alcalar, Portimão, que se somou aos sete monumentos anteriormente explorados por Estácio da Veiga. Ali foram recolhidas duas falanges de cavalo, das quais se representou esquematicamente apenas uma, que é lisa, na primeira publicação dedicada ao monumento (ROCHA, 1904, Fig. 16). O segundo exemplar, que A. dos Santos Rocha não chegaria a estudar, foi encontrado muitos anos depois ainda completamente coberto de terra, que impedia a observação da decoração que ostentava, muito semelhante à de um dos exemplares da Lapa da Bugalheira, possuindo numa das faces as bem conhecidas tatuagens faciais sob as possíveis representações de olhos radiados, tendo sido apenas publicado em 1971 (GUERRA & FERREIRA, 1971, Est. 1). Tais circunstâncias explicam que G. e V. Leisner (1943), aquando da recolha de elementos para a sua obra monumental, não tenham mencionado o exemplar decorado, mas apenas o exemplar liso, o que Santos Rocha já anteriormente havia publicado.

Um dos primeiros exemplares decorados a ser dado a conhecer na Península Ibérica provém de um dos *tholoi* do vale São Martinho de Sintra (APOLINÁRIO, 1896, Fig. 6), inaugurando uma longa lista de publicações que se sucederam até ao presente apenas dedicada aos exemplares decorados, como os dois da Lapa da Bugalheira o que se explica facilmente pela riqueza da sua temática decorativa: à forma antropomórfica natural ou acentuada da peça, associa-se a representação, frequente, dos olhos radiados, encimados pela coifa, ou cabeleira, e ostentando na parte inferior a representação simétrica de linhas curvas concêntricas, atribuídas a tatuagens faciais, presentes também em outros tipos de suportes. Excepcionalmente, encontram-se presentes em diversas primeiras falanges de cavalo outros atributos antropomórficos, como braços e mãos, observados num exemplar da sepultura de La Pijotilla, Badajoz (HURTADO, 1986), ou ainda o triângulo púbico feminino, expressão da natureza sexuada da própria peça, visível em exemplar recolhido no *tholos* de Cabecito de Aguilar (LEISNER & LEISNER, 1943, Tf. 29). Na verdade, este conjunto de atributos, encontra expressão sincrética notável no célebre copo calcolítico recolhido no *tholos* do Monte do Outeiro, Aljustrel (CARDOSO, 2022).

Quanto aos exemplares lisos, o seu significado deve ser idêntico ao dos decorados possuindo em alguns casos, tal como estes, um fino polimento, acentuando a forma antropomórfica, com um estreitamento intencional da porção mesial da falange, correspondente à diáfise. Como acima se disse, é possível que estes exemplares fossem pintados, mas até agora não se identificaram vestígios seguros desse acabamento, exceptuando um dos exemplares dos Perdigões acima referido.

Como observou Siret, “Ces falanges travaillées sont très fréquentes, surtout dans les sépultures, mais eles sont rarement ornées.” (SIRET, 1907, legenda Pl. 6, n.º 7). Está-se, pois, numa situação semelhante à verificada nos cilindros calcários da mesma época, correspondentes, igualmente, à representação estilizada da figura humana, sendo uns lisos e outros mais ou menos decorados com atributos idênticos aos observados nas falanges em apreço (ver, por todos GONÇALVES, 2022).

Como acima se referiu, a intensidade do polimento observada nos exemplares decorados e não decorados é variável, desde o polimento total, que nalguns casos, atravessou a tábua óssea atingindo os canais de Havers, até à simples regularização das proeminências dos segmentos anatómicos originais, como se observa, entre outros, em exemplares dos povoados calcolíticos da Penha Verde, Sintra e de Leceia, Oeiras (CARDOSO, 1995 a).

Em muitos casos, verifica-se mesmo a aparente ausência de intervenção, sem que no entanto seja de pôr em causa a finalidade simbólica e cultural de tais exemplares, atestada pelos numerosos contextos funerários de recolha conhecidos. Inventariaram-se os seguintes exemplares lidos, ostentando polimento mais ou menos acentuado, ou mesmo a falta dele:

- um exemplar da sepultura da Serra da Vila, Torres Vedras (LEISNER, 1965, Tf. 3, n.º 8);
- um exemplar do dólmen de Conchadas, Loures (CARDOSO, 1995 a, Fig. 4, n.º 6);
- um exemplar do dólmen de Trigaxe 4, situado perto de anterior (LEISNER, 1965, Tf. 18, n.º 28);
- um exemplar da gruta do Escoural, Montemor-o-Novo (SANTOS, GOMES & CARDOSO, 1991, Fig. 1, n.º 2), observa-se intenso polimento, semelhante ao evidenciado nos exemplares da Lapa da Bugalheira;
- um exemplar da Anta Grande do Olival da Pega, Reguengos de Monsaraz (LEISNER & LEISNER, 1951, p. 240, Est. LXII, n.º 5), aparentemente parcialmente polido numa das faces;
- um exemplar do dólmen de Montum, Melides (CARDOSO, 1995 a, Fig. 4, n.º 3);
- um exemplar recolhido no *tholos* 2 de Centirã, Serpa (HENRIQUES et al., 2013, Fig. 14) com escassa ou nenhuma transformação;
- um exemplar recolhido por António dos Santos Rocha no *tholos* 8 de Alcalar (ROCHA, 1904, Fig. 16) e conservado no Museu Municipal da Figueira da Foz, tendo sido publicado ulteriormente por G. e V. Leisner (LEISNER & LEISNER, 1943, Tf. 77, 2, 9);
- um exemplar igualmente com escassa ou nenhuma transformação por polimento, proveniente do *tholos* 9 da mesma necrópole (MORÁN HERNÁNDEZ, 2018, 172, 173), atribuído sem fundamento pela autora a *Equus hydruntinus*. Trata-se, na verdade, de uma primeira falange de *Equus caballus*.

Em contextos domésticos calcolíticos, e para além do caso especial dos Perdígões, sítio a um tempo habitacional e funerário, mas onde a componente funerária é quase absoluta no respeitante a este tipo de artefactos, visto que apenas se identificou um único exemplar de contexto não funerário, o qual se apresenta decorado (VALERA, 2015, p. 9), a ocorrência de primeiras falanges de cavalo decoradas ou lisas é muito mais rara, como seria de esperar.

No respeitante a exemplares decorados oriundos de espaços domésticos, a primeira ocorrência dada a conhecer, embora incompleta, provém de Vila Nova de São Pedro, Azambuja (JALHAY & PAÇO, 1945, p. 41), cuja foto foi depois publicada (LEISNER, 1965, Tf. 167), encontrando-se fortemente modelado por polimento, com o intuito de destacar a cabeça à maneira de certos ídolos de calcário, achatada e saliente, como alguns dos exemplares de Pêra, Silves (CARDOSO, 2002), conforme acima se referiu.

A este, junta-se um exemplar de Leceia, Oeiras (CARDOSO, 1995 a, Fig. 2, n.º 1), reduzido apenas a uma porção da extremidade distal, e um outro do povoado calcolítico muralhado de Olelas, Sintra, profusamente decorado em ambas as faces, uma delas ostentando os característicos olhos radiados (SERRÃO & VICENTE, 1958, Est. 9, n.º 3).

Dos três povoados calcolíticos referidos, apenas de Leceia foram publicadas duas primeiras falanges de cavalo lisas (CARDOSO, 1995), provavelmente porque, tanto em Vila Nova de São Pedro, como em Olelas, os escavadores não lhes tenham dado a devida importância, atribuindo-as simplesmente a restos faunísticos. Tal foi o critério explicitamente assumido em Olelas, extensivo pelos autores mesmo aos exemplares lisos provenientes de contextos funerários (SERRÃO & VICENTE, 1958, p. 114), o que constitui um erro evidente. De facto, a extrema raridade do cavalo no decurso do Calcólítico, faria desde logo pôr em causa tal convicção, atribuindo os escassos exemplares lisos conhecidos ao seu aproveitamento ideotécnico, especialmente os oriundos dos conjuntos sepulcrais.

É o caso dos dois exemplares lisos recolhidos em Leceia, um deles fortemente polido, especialmente na sua parte média, por forma a sublinhar o antropomorfismo (CARDOSO, 1995 a, Fig. 2, n.º 2), o outro apenas com polimento intencional na extremidade articular proximal (op. cit., Fig. 2, n.º 3), que vieram a ser decisivos para demonstrar a sua utilização cultural, quando esta era ainda muito discutida.

Também no povoado calcolítico muralhado do Outeiro Redondo, Sesimbra, se recuperou uma primeira falange de cavalo não decorada, mas fortemente afeiçoada por polimento (CARDOSO, 2019, Fig. 157, n.º 12), com o objectivo de acentuar, como outras, o seu contorno antropomórfico.

No povoado calcolítico fortificado do Monte Novo dos Albardeiros, recolheu-se uma primeira falange de cavalo profundamente polida, produzindo achatamento ântero-posterior (GONÇALVES, 2005, Fig. 3), aproximando-a de certos ídolos almerienses de contorno bitriangular.

Mais recentemente, assinalaram-se outros exemplares polidos e não decorados de primeiras falanges de cavalo em vários contextos habitacionais do sul de Portugal:

- do povoado fortificado de São Pedro, Redondo (DAVIS & MATALOTO, 2012, p. 61), conhece-se uma primeira falange incompleta, por fractura aparentemente intencional, longitudinal a todo o comprimento do osso, pelo que, como acima se referiu, é compatível com um resto alimentar, desconhecendo-se se é a este exemplar que A. Valera se refere, atribuindo-lhe afeiçoamento (VALERA, 2015, Tabela 3).
- do povoado de fossos de Porto Torrão, Ferreira do Alentejo (5 ex.) (VALERA, 2015, Tabela 3);
- do povoado do Mercador, Mourão (3 ex.) (GARCIA MORENO, 2013).

* * *

As considerações anteriores conduziram à elaboração do inventário das ocorrências conhecidas de falanges decoradas e lisas no território português executadas em primeiras falanges de cavalo (Fig. 14):

Exemplares decorados

Necrópoles

- Lapa da Bugalheira, Torres Novas (2 ex.);
- *tholoi* do vale de São Martinho, Sintra (1 ex.);
- grutas artificiais de Carenque, Amadora (1 ex.);
- Perdigões, contextos funerários, Reguengos de Monsaraz (9 ex.);
- *tholos* 8 de Alcalar, Portimão (1 ex.).

Povoados

- Perdigões, contexto não funerário, fossa 9 (1 ex.);
- Vila Nova de São Pedro (1 ex.);
- Olelas (1 ex.);
- Leceia (1 ex.);

Exemplares lisos

Necrópoles

- Lapa da Bugalheira, Torres Novas (8 ex.);
- sepultura da Serra da Vila, Torres Vedras (1 ex.);
- dólmen de Conchadas, Loures (1 ex.);
- dólmen 4 de Trigache, Loures (1 ex.);
- Lapa do Fumo, Sesimbra (1 ex., indicado por VALERA, 2015, que não foi possível verificar);
- Perdigões, contextos funerários, Reguengos de Monsaraz (25 ex.);
- Gruta do Escoural (1 ex.);
- Anta Grande do Olival da Pega, Reguengos de Monsaraz (1 ex.);

- Dólmen de Pedra Branca, Montum, Melides, Santiago do Cacém (1 ex.);
- *tholos* 8 de Alcalar, Portimão (1 ex.);
- *tholos* 9 de Alcalar, Portimão (1 ex.).

Povoados

- Penha Verde, Sintra (1 ex.);
- Leceia, Oeiras (2 ex.);
- São Pedro, Redondo (1 ex. fracturado longitudinalmente, podendo corresponder a resto alimentar);
- Mercado, Mourão (3 ex.);
- Monte Novo dos Albardeiros, Reguengos de Monsaraz (1 ex.);
- Porto Torrão, Ferreira do Alentejo (5 ex.).

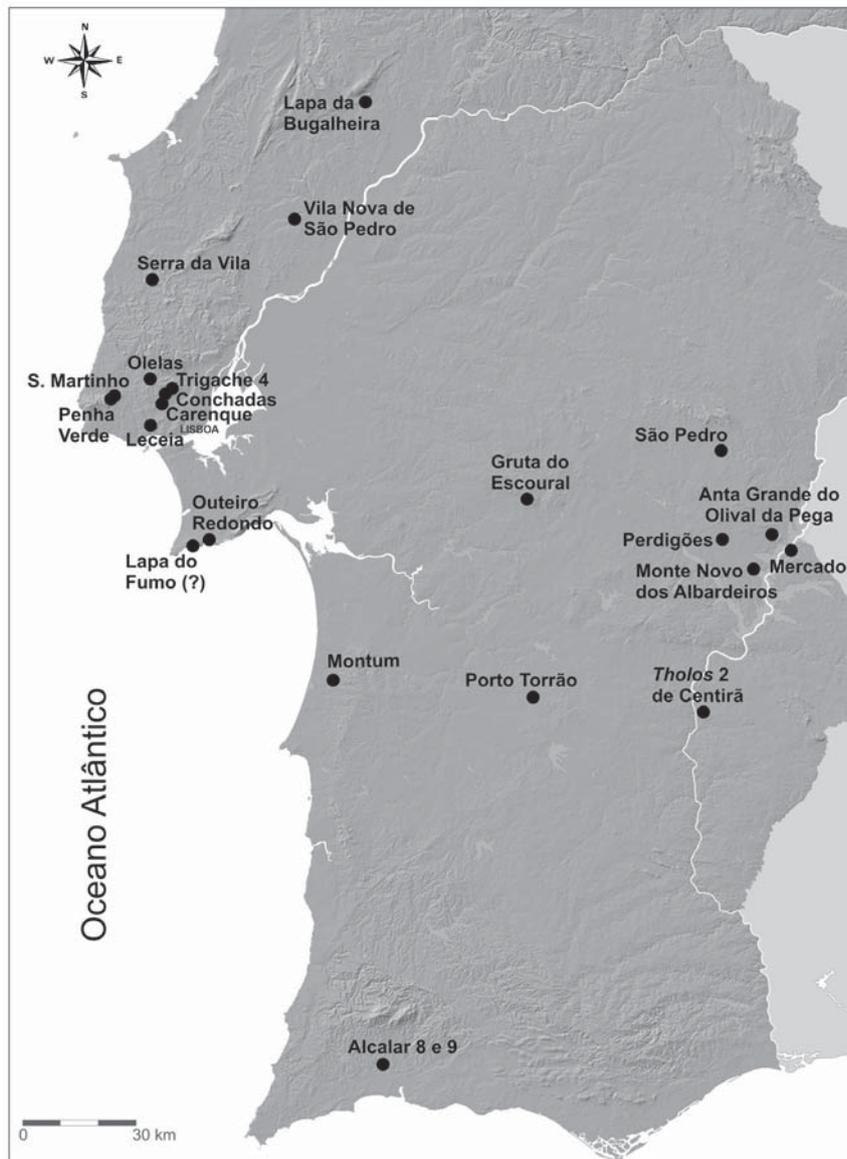


Fig. 14 – Estações arqueológicas do território português com primeiras falanges de cavalo, decoradas e lisas (seg. JLC).

A presença de primeiras falanges de cavalo em contextos domésticos, sejam decoradas ou lisas, com diversos graus de polimento, ou mesmo sem afeição, vem indicar a probabilidade de existirem pequenos altares, constituídos por um ou mais exemplares, a par de outras produções ideotécnicas, conforme foi já sublinhado no respeitante ao povoado pré-histórico de Leceia (CARDOSO, 1995 b; CARDOSO, 2009; CARDOSO, 2010). Naturalmente, há que ter sempre em atenção que alguns exemplares lisos, recolhidos em contextos habitacionais, desde que desprovidos de quaisquer vestígios de afeição, podem ser simplesmente o resultado de restos de animais consumidos.

Tais altares, ou santuários, cujas características no respeitante à disposição no espaço dos exemplares que os integravam presentemente nos escapa em absoluto, teriam expressão, ainda mais completa e expressiva, em contextos funerários. Tal realidade explica-se pela conotação de estes ídolos-falange, enquanto representações antropomórficas da Deusa-Mãe calcólica, com a vida para além da morte. Nesta medida, acompanhariam a notável panóplia votiva de produções de calcário, especialmente rica e diversificada na região estremenha.

É esta riqueza e diversidade que confere complexidade do mundo cognitivo calcólico, estando no entanto sempre presente a mensagem, nesses espaços de morte, da perenidade da vida, ciclicamente reafirmada. É assim que se explicam os pequenos altares ou santuários, de que é exemplo o notável santuário da gruta do Correio-Mor (CARDOSO et al., 1995), com paralelos nos conjuntos de bétilos colocados ritualmente no exterior de algumas das câmaras funerárias calcólicas de Los Millares (ALMAGRO & ARRIBAS, 1963, Lám. CXLVII, C; Lám. CL, B). Esta situação, documentada fotograficamente no decurso da escavação (Fig. 15), é sugestiva da que poderia ter-se verificado na Lapa da Bugalheira, com a diferença de, neste caso, se situar no interior da própria câmara mortuária.

A ser assim, o conjunto agora detalhadamente estudado, poderia facilmente relacionar-se directamente com alguns dos defuntos ali sepultados, se não fosse o facto de, muito provavelmente, serem distintas as cronologias. Com efeito, a cronologia deste tipo de produções ideotécnicas, sejam lisas ou decoradas, é exclu-



Fig. 15 – Santuário de bétilos colocados no exterior da sepultura IX 0 5 de Los Millares (in ALMAGRO & ARRIBAS, 1963, Lám. CL, B).

sivamente calcolítica, como é comprovado pelas ocorrências conhecidas, designadamente daquelas cujos contextos de recolha são seguros, conclusão reforçada pela própria iconografia dos exemplares com olhos radiados, sobancelhas, coifa e tatuagens faciais, que só ocorre no Calcolítico.

Tendo presente a tipologia dos espólios funerários exumados na escavação de 1941, verifica-se que, com excepção do conjunto de falanges agora publicado, nenhuma peça se pode atribuir com segurança ao Calcolítico, pelo que, nessa época, não existem evidências indiscutíveis de a gruta ter sido utilizada como necrópole. A totalidade dos materiais então recuperados, com exclusão dos pertencentes ao Neolítico Antigo, é reportável tanto ao Neolítico Médio (designadamente alguns dos recolhidos na Sala do Ricardo) como, sobretudo, ao Neolítico Final. Deste modo, a alternativa mais provável para explicar a ocorrência deste conjunto de exemplares ideotécnicos calcolíticos, constituindo altar ou pequeno depósito votivo, é a da utilização circunstancial da gruta no decurso do Calcolítico exclusivamente com carácter ritual, mais ou menos continuado.

No tocante a espaços não funerários, o exemplo de conjunto de objectos ideotécnicos mais expressivo até agora dado a conhecer no território peninsular corresponde aos cilindros de calcário provenientes do povoado de La Orden – Seminario de Huelva (VERA RODRÍGUEZ et al., 2010, Lám. XV), recolhidos no interior de uma fossa, em nível interpretado como um “solo de deposição votivo”. Porém, tendo presente a forma desorganizada como se dispunham no terreno, é de admitir que pudessem originalmente corresponder a um verdadeiro altar, ulteriormente colapsado, tal como se admitiu no caso do Correio-Mor.

7 – CONCLUSÕES

1 – O conjunto constituído pelas oito primeiras falanges de cavalo afeiçoadas e pelas duas decoradas, a que se junta ainda uma primeira falange também afeiçoada boi doméstico, recuperado em 1941 na Lapa da Bugalheira, corresponde ao mais numeroso e importante deste tipo de objectos culturais até agora publicado.

2 – Os dois exemplares decorados foram publicados logo em 1942. O mesmo não se verificou quanto ao conjunto dos exemplares lisos, apenas mencionados mas não estudados em pormenor em 1971, tal como em estudo ulterior do signatário. Nestes, a intensidade do polimento, sempre evidente, varia de exemplar para exemplar, sendo particularmente acentuado em dois deles, realçando a sua forma já naturalmente antropomórfica.

3 – A morfologia acentuadamente antropomórfica das primeiras falanges de cavalo explica a sua preferência para a execução deste tipo de artefactos, face a outras alternativas possíveis, como as primeiras falanges de bovídeo ou de cervídeo, apesar de constituir espécie muito mais rara. Tal é a razão que explica, igualmente, a extrema raridade de primeiras falanges de bovídeo utilizadas para tal finalidade, apenas com equivalente em dois exemplares afeiçoados por polimento, respectivamente de contexto funerário do Porto Torrão, Reguengos de Monsaraz, e do povoado de São Pedro, Redondo, a que se soma um exemplar decorado, de juvenil, de proveniência desconhecida.

4 – O significado a atribuir ao conjunto agora publicado fica em boa parte prejudicado porque se desconhecem as posições exactas primitivas dos espólios no terreno.

Tendo presentes as comparações estabelecidas, é provável que tenham constituído um altar, com disposição organizada, ou um depósito votivo, que valia pelo conjunto em si mesmo. É sugestivo admitir que a sua presença decorreu da ritualização do espaço funerário previamente constituído no decurso do Neolítico tendo, neste aspecto, paralelos em outros conjuntos votivos ali reconhecidos e desde logo valorizados em 1942, como o que é formado por duas acumulações de lâminas de sílex, depositadas junto à parede da gruta, no lado oposto àquele de onde provém o conjunto agora publicado, ainda que sejam mais antigos, visto encontrarem-se associados à necrópole do Neolítico ali então constituída.

5 – Deste modo, a prática de organizar associações de carácter votivo tem, na presente gruta, uma longa tradição, sejam estas constituídas por objectos utilitários, como as lâminas de sílex, ou de natureza exclusivamente simbólica como é o caso destas primeiras falanges afeioadas, as quais se relacionam com a corporização da divindade protectora dos defuntos, também da vida em permanente renovação, a própria Deusa-Mãe calcolítica.

6 – Tendo presente a dificuldade, pelas razões expostas, de fazer corresponder o conjunto em causa a uma sacralização do espaço funerário coeva do seu uso como tal, com a deposição destas figurinhas votivas à medida que se praticavam as próprias tumulações, importa encontrar outra explicação para a ocorrência do mesmo.

7 – Uma explicação possível passaria pela sacralização da gruta, enquanto espaço colectivo ocupado pelos antepassados, por parte das comunidades calcolíticas que habitaram ulteriormente a mesma região, podendo ser, como tal, ele próprio cultuado.

8 – Estas figurinhas poderiam representar, assim, a expressão material dessa prática ritual, constituindo um tributo aos antepassados, através do seu depósito, como ex-votos, logo à entrada do antigo espaço funerário, no decurso das visitas que ali eram sucessivamente realizadas exclusivamente para o efeito.

NOTA FINAL

As considerações agora publicadas no respeitante à cronologia da ocupação funerária da Lapa da Bugalheira, resultam da análise do registo arqueológico publicado, importando agora dar continuidade ao presente contributo através da caracterização detalhada e exaustiva da própria necrópole por forma a validar ou não as justificações agora apresentadas para a ocorrência do notável conjunto de natureza ideotécnica publicado. Tal objectivo passará pelo estudo sistemático e exaustivo dos espólios conservados no Museu Geológico do LNEG, a par da realização de datações absolutas, trabalhos que já se encontram em curso de execução pelo signatário.

AGRADECIMENTOS

Ao Doutor João Paulo Zbyszewski que gentilmente cedeu para publicação imagens que pertencem ao arquivo pessoal de seu Pai, o Doutor Georges Zbyszewski.

Aos Eng. Jorge Sequeira e Dr. José António Anacleto, do Museu Geológico (LNEG), pelo apoio ao estudo das peças ora publicadas.

E ao Doutor Ruben Dias, coordenador do Museu Geológico (LNEG), que permitiu o seu acesso ao signatário.

REFERÊNCIAS

- ALMAGRO, M. & ARRIBAS, A. (1963) – *El poblado y la necropolis megalíticos de Los Millares (Santa Fé de Modújar, Almería)*. Madrid: Bibliotheca Praehistorica Hispana, 3.
- APOLINÁRIO, M. (1896) – Necropole neolithica do valle de S. Martinho. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 2, p. 210-221.
- ALMAGRO GORBEA, M. J. (1973) – *Los ídolos del Broce I Hispano*. Madrid: CSIC (Bibliotheca Praehistorica Hispana 12).
- CARDOSO, J. L. (1995 a) – Os ídolos falange do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Estudo comparado. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 213-232.

- CARDOSO, J. L. (1995 b) – Símbolos sexuais do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 251-261.
- CARDOSO, J. L. (2002) – Sobre os ídolos de calcário de Pêra (Silves) e o seu significado no quadro do calcolítico do sul peninsular. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 20, p. 61-76.
- CARDOSO, J. L. (2009) – Estatuetas do Neolítico Final e do Calcolítico do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) e o simbolismo a elas associado. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 17, p. 73-96.
- CARDOSO, J. L. (2010) – Cult artifacts from the Neolithic and Chalcolithic settlement of Leceia, Oeiras, Portugal. In Gheorghiu, D.; Cyphers, A. (edts), *Anthropomorphic and zoomorphic miniature figures in Eurásia, África and Meso-America*. Oxford: British Archaeological Reports, International Series, 2138, p. 37-41.
- CARDOSO, J. L. (2019) – Outeiro Redondo – Sesimbra – escavações 2005-2016. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 25, p. 87-338.
- CARDOSO, J. L. (2022) – Peça do mês. Vaso com decoração simbólica. *Uniarq digital (janeiro de 2022)*. Lisboa. 59, 2 p.
- CARDOSO, J. L.; LEITÃO, M.; NORTON, J.; FERREIRA, O. da Veiga & NORTH, T. (1995) – O santuário calcolítico da gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5. p. 97-121.
- CARDOSO, J. L.; VILSTRUP, J.; EISENMANN, V. & ORLANDO, L. (2013) – First evidence of *Equus asinus* L. in the Chalcolithic disputes the Phoenicians as the first to introduce donkeys into the Iberian Peninsula. *Journal of Archaeological Science*, 40, p. 4483-4490.
- COSTEIRA, C. & MATALOTO, R. (2016) – Gestos do simbólico, I: “ídolos”, idoliformes, figuras e representações do “sagrado” (?) nos povoados dos IV/III milénios a.n.e. de São Pedro (Redondo). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 19, p. 63-86.
- DAVIS, S. & MATALOTO, R. (2012) – Animal remains from chalcolithic São Pedro (Redondo, Alentejo): evidence for a crisis in the Neolithic. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 15, p. 47-85.
- FERREIRA, O. da Veiga (1966) – *La culture du vase campaniforme au Portugal*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Memória 12, N.S.).
- GARCIA MORENO, M. (2013) – Estudo arqueozoológico dos restos faunísticos do povoado calcolítico do Mercador (Mourão). In VALERA, A. C. (ed.), *As comunidades agropastoris na margem esquerda do Guadiana, 2.ª metade do IV aos inícios do II milénio AC*. Memórias d’Odiana. EDIA/DRCALLEN, Série 2, p. 321-349.
- GONÇALVES, V. S. (1989) – *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental*. Lisboa; Centro de História da Universidade de Lisboa/Instituto Nacional de Investigação Científica, 2 vols.
- GONÇALVES, V. S. (1987) – O povoado pré-histórico da Sala n.º 1 (Pedrógão, Vidigueira). Notas sobre a campanha 1 (88). *Portugalia*. Porto. Nova Série, 8, p. 7-16.
- GONÇALVES, V. S. (2005) – Manifestações do Sagrado na Pré-História do ocidente peninsular. 6: duas figurações da Deusa na estrutura funerária calcolítica do Monte novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série V, 23, p. 197-229.
- GONÇALVES, V. S. (2022) – Pequenos sítios, objectos perdidos, artefactos sem contexto 3. O “ídolo cilíndrico” de Ervidel (Herdade da Cariola). *Ophiussa*. Lisboa. 6, p. 5-21.
- GUERRA, A. V. & FERREIRA, O. da Veiga (1971) – Notícia sobre uma falange-ídolo gravada do Museu Doutor Santos Rocha na Figueira da Foz. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 81 (1/2), p. 43-49.
- HENRIQUES, A. J. R. ; SOARES, A. M. Monge; ANTÓNIO, T. F. A.; CURATE, F.; VALÉRIO, P. & ROSA, S. P. (2013) – O tholos Centirã 2 (Brinches, Serpa) – construtores e utilizadores; práticas funerárias e cronologia. *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular (Villafranca de los Barrios, 2012)*. Actas: Ayuntamiento de Villafranca de los Barrios, p. 321-355.
- HURTADO, V. (1986) – El Calcolítico en la cuenca media del Guadiana y la necropolis de La Pijotilla. *Arqueologia*. 14, p. 83-103.

- JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1945) – El castro de Vilanova de San Pedro. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*. Madrid. 20, p. 55-141.
- LEISNER, V. (1965) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen. Tafeln*. Berlin: Walter de Gruyter & Co. (Madrider Forschungen Band 1/3).
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1943) – *Die Megalithgräben der Iberischen Halbinsel. Der Süden*. Berlin: Walter de Gruyter & Co. Tafeln.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1951) – *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura.
- LEISNER, V.; PAÇO, A. do & RIBEIRO, L. (1964) – *Grutas artificiais de São Pedro do Estoril*. Lisboa (obra publicada com o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian).
- MAYER, R. A. (1961) – Neolitische Tierknochen-Idole und Tierknochen-Anhänger Europas. *Bericht der Römisch-Germanischen Kommission*. Berlin, 42, p. 171-305.
- MORÁN HERNÁNDEZ, M. E. (2018) – *El asentamiento prehistórico de Alcalar (Portimão, Portugal)*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (Estudos & Memórias 12).
- NUNES, A. (2010/2011) – *Estudo dos materiais de carácter votivo provenientes da Sala do Ricardo, na Lapa da Bugalheira (Torres Novas)*. Relatório do Seminário do Curso de Licenciatura em Arqueologia. Faro: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve.
- PAÇO, A. do; VAULTIER, M. & ZBYSZEWSKI, G. (1942) – Nota sobre a Lapa da Bugalheira. *I Congresso Nacional de Ciências Naturais (Lisboa, 1941)*. Actas. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, 2, p. 116-119.
- PAÇO, A. do; VAULTIER, M. & ZBYSZEWSKI, G. (1956) – Lapa da Bugalheira (Torres Novas). *XXIII Congresso Luso-Espanhol (Coimbra, 1956)*. Actas. Coimbra: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, 8, p. 355.
- PAÇO, A. do; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1971) – Resultados das escavações na Lapa da Bugalheira (Torres Novas). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 55, p. 23-47.
- RODRIGUES, F.; SOUTO, P.; FERREIRA, A.; VARANDA, A.; GOMES, L.; GOMES, H. & ZILHÃO, J. (2020) – Novos trabalhos na Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas). *Arqueologia em Portugal. 2020 – Estado da questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 2, p. 823-835.
- ROCHA, A. dos Santos (1904) – Dolmens de Alcalar. *Boletim da Sociedade Arqueológica Santos Rocha*. Figueira da Foz. 1 (2), p. 39-50.
- SERRÃO, E. C. & VICENTE, E. P. (1958) – O castro eneolítico e Olelas. Primeiras escavações. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 39, p. 87-125.
- SIRET L. (1893) – L'Espagne préhistorique. *Revue des Questions Scientifiques*. Bruxelles. Octobre 1893 (separata de 78 p.).
- SIRET, L. (1907) – Orientaux et Occidentaux en Espagne aux temps préhistoriques. *Revue des Questions Scientifiques*. Bruxelles. Octobre 1906, Janvier 1907 (separata de 87 p.).
- VALERA, A. C. (2015) – Ídolos falange, cervídeos e equídeos. Dados e problemas a partir dos Perdígões. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 10, p. 7-20.
- VALERA, A. C. (2021) – Diversidade, circulação e desempenho social dos símbolos: as produções iconográficas neolíticas e calcolíticas nos Perdígões (Reguengos de Monsaraz). In BUENO RAMÍREZ, P. & SOLER DÍAZ, J. (coord. cient.), *Ídolos Olhares milenares O estado da arte em Portugal*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia/Imprensa Nacional.
- VERA RODRÍGUEZ, J. C.; LINARES CATELA, J. A.; ARMENTEROS-LOJO, M.^a J. & GONZÁLEZ BATANERO, D. (2010) – Depósitos de ídolos en el poblado de La Orden-Seminario de Huelva: espacios rituales en contexto habitacional. In CACHO, C.; MAICAS, R. GALÁN, E. & MARTOS, J. A. (eds.), *Los ojos que nunca se cierran. Ídolos de las primeras sociedades campesinas*. Madrid: Museo Arqueológico Nacional, p. 199-242.
- ZBYSZEWSKI, G.; LEITÃO, M.; NORTON, J.; NORTH, T. & FERREIRA, O. da Veiga (1974) – Acerca de dois ídolos oculados de osso da coleção de Maxime Vaultier. *Estudos Italianos em Portugal*. Lisboa. 37, p. 83-88.